

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Dezembro de 2020 - Nº 582

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*-1931) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - + 2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020)

IVAN

Era um caderninho com vinte saudades, todas pautadas em azul, numeradas, e que eu encontrei por acaso nos meus guardados. Tinha o cheirinho de infância misturado a mofo. No centro, como duas traves de futebol, as marcas dos grampos enferrujados. Numa capa, o Duque de Caxias; na outra, o Hino Nacional. Ia me esquecendo da linha da margem em vermelho. Já não me recordava do conteúdo do caderno, mas, ao abrir a primeira saudade com a primeira mensagem escrita, tudo me voltou à memória e me fez folheá-lo, saudade por saudade, para ler o restante. Neste caderninho vou escrever o que eu quiser - foi a surpresa inicial pelo aviso voluntarioso. Molhei o dedo na saliva, virei a página, outra saudade: Fiz malvadeza na escola, dona Maria Fiorentini falou 'estou indignada'. O Egidinho fez igual e a dona Adalgiza chorou. Que será que é indignada?

Com cuidado de desgrudar curativo abri duas folhas que estavam coladas pelas margens. Eram diversas saudades diferentes, de assuntos diversos. "Diz que o Mário Zucato foi viajar de trem de ferro; ele usa camisa de manga comprida com um elástico no braço e tem botina de brilho. Deve ser gente rica e muito importante. Nasceu um furunco no meu braço e íngua no subaco. Cai da bicicleta e meu pai falou bem-feito. Nas-

ceu também o meu irmão que a cegonha da Siá Rita trouxe. Meu pai comprou vinho que faz bolinha e bebeu. Minha mãe estava na cama e falou que logo vai fazer risote de linguíça pra mim e esfregou minha cabeça."

Na saudade número 8, estava assim: "Fui macetar o juda no sábado de aleluia e o Cuta acertou a paulada nímim. Conteí pro meu pai e ele falou bem-feito. Só vou contar as coisas pra minha mãe. De noite o tio Luiz estava namorando a Tida no banco jardim e ele deu quinhentos réis pra mim. Vou gostar sempre do tio Luiz.

O vento abriu o caderninho nesta saudade - a professora mandou eu bordar na talagarça. Eu não! Não sou mulher! Fui pra diretoria. Eu quero que ela morra. Quando eu crescer vou comprar uma assadeira inteirinha de bombocado do Tônico Padeiro e vou comer tudo sozinho. Amanhã, quando o Acácio aguar a frente do armazém para não fazer poeira, vou matar andorinha que vem voando baixinho, com cabo

CRÔNICAS DA MINHA GENTE CADERNO DE SAUDADES

de vassoura. Nunca matei nenhuma. Só o Ney do Abílio. O Toninho do Sibirino falou que não acredita em assombração, mas não facilita. Eu acredito. Na saudade de um domingo qualquer ficou registrado - minha mãe guardou no guarda-comida o cascão de polenta do fundo da panela pra mim. Hoje cai da bicicleta porque bati ela no Nego da Maricucha. O Nego não machucou. Só chorou. Fui pedir desculpa, mas ele quis dar em mim. Eu disse venha, morrendo de medo. Ele não veio. Na escola de ontem a professora falou que eu sou burro. Acho que sou mesmo, porque ela falou isso pra outra professora. A Varina tem a perna feridentia. Eu vi. Fiz um buraco no muro de barro para esconder as coisas. Ninguém acha o segredo. Roubei uma espiga de milho do Gusto Poca e joguei fora. Eu queria saber se eu tinha coragem de roubar. Tinha. Mas estou arrependido.

Abri uma página que falava dos vizinhos, de saudades remotas e que já haviam desaparecido - fui buscar um

pé de alface no Antonio Zanchetta. Ele é brabo com todo mundo. Comigo ele não é. Ele me deu uma pelotinha de açúcar do armazém. Dona Cândida tem uma pinta roxa na testa. Minha mãe não tem, mas gosto dela assim mesmo. Tinha gente em casa e meu pai falou alguma coisa que a minha mãe até chacoalhou a cabeça pra ficar triste. Antes da Semana Santa anotei - eu não quis ser apóstolo porque tinha que vestir camisola. Dona Assunta falou que era túnica. O Ney foi e o padre lavou o pé dele e ainda ganhou um pão. Meu pai falou bem-feito. O Tuco deixou eu tirar alfinete do vão da tábuca do balcão da loja. Um dia fiquei enlombado. Minha mãe deu lombrigueiro pra mim e saiu 72 lombrigas. Acho que nenhum menino da Rua Direita e da Rua do Sapo não tem lombriga assim. Acho que não sou tão burro do jeito que a professora falou. Agora, uma saudade tão dolorida que eu rasguei a folha - meu pai fez uma coisa que eu não quero contar pra ninguém. Ele chamou eu e disse eu vou

explicar, mas eu não fui porque explicação não tira a dor. Meu pai também pregou um prego na castanheira pra ela dar castanha maior. Coitada, ela não fez nada. Eu também fiz uma coisa errada. Achei um sapo no rego da água da pia da cozinha e matei ele. Como não parava de chover, virei ele. Choveu mais ainda. Acho que não era desses sapos de parar chuva. Esta saudade estava bem no meio do caderno - minha mãe põe a esmola na palma da mão do lazarento porque ele não tem dedo. Ele pega o dinheiro com o toquinho. O troco minha mãe põe na chapa do fogão pra matar micóbrio. O Dito Virgílio tem a letra mais bonita da escola mas não tem merenda. Isso não é certo. Meu pai canta no coral da Igreja. Acho que ele é importante quem o Mário Zucato e o seu Tiorfilo. A primeira saudade da página 32 não se cumpriu - quando eu for grande quero ser o Zeca da Rocha e tocar baixo na banda. O tio Límpio fez discurso na Igreja de onde o padre fala. O padre tocou ele. Ele nem ligou. Meu avô Ra-

fael é da UDN. Eu também vou ser porque eu gosto dele. Havia, também, uma página religiosa e que me provocou gargalhada - tirei retrato no seu Carmo de terno branco, tomando hóstia da Primeira Comunhão. O meu pescoço saiu comprido porque o braço do desenho do Nosso Senhor dando a hóstia era curto. Na missa não apertei a hóstia no céu da boca para não sair sangue do Nosso Senhor. Engoli tão devagarzinho que ele nem gemeu. Uma saudade estava só e bem no meio da página - ganhei um par de elásticos vermelhos pra fazer estilingue. Os outros meninos me deram vaia porque não sei fazer estilingue nem tancar pedra. O Vitorinho Jaconi não vaiou mas ficou triste. De tarde fui na casa dele e dei os elásticos prele. Ele apertou a boca, saiu correndo com o elástico numa mão e a outra coçando ozoio.

Ao guardar o caderno, caiu um cartão com um desenho que parecia ser uma árvore de Natal, com dois pedidos - Papai Noel, neste Natal eu quero duas coisas: pra mim eu não quero nada; pra minha mãe quero que ela não morra nunca. Só não fui atendido no segundo pedido. Logo abaixo, a última saudade e que buliu comigo - eu estava na sala escondido e meu pai pôs a mão no ombro da minha mãe. Ela abaixou a cabeça e riu sem fazer barulho. Eles não viro eu chorar.

Boas festas, apesar de 2020!

L. A. GENGHINI

Dezembro, todo mundo resgatando os enfeites de Natal dos baús para ornamentar e comemorar as festas de fim de ano. O prefeito de Monte Sião comemora a efeméride e a reeleição deixando a cidade bonita e brilhosa. Afinal, estamos dando adeus a 2020, um ano para ser esquecido, mas que, curiosamente, será lembrado para sempre, por alguns como um ano trágico, enquanto para outros um ano de aprendizagem.

Uma coisa é certa: de repente todos nós nos vimos prisioneiros dentro de nossas próprias casas, desnorteados e sem saber o que fazer. Mexeu com a vida de todo mundo.

Enquanto estudantes e professores tiveram que exacerbar a capacidade de resiliência para continuar precariamente as atividades escolares, praticamente assistimos ao desmonte das redes e escolas particulares, que terão sérias dificuldades de retomada por se encontrarem endividadas e descapitalizadas.

Dois grupos, aparentemente, se beneficiaram de algum modo com a pandemia: Os políticos e a indústria farma-

cêutica. Os políticos que manipularam o quanto puderam a ignorância e a indústria farmacêutica que deu um jeito de vender mais e de amealhar futuros lucros com o desenvolvimento e a produção da tão esperada vacina...

Agora estamos enfrentando a segunda onda da covid19. Até aonde vamos suportar?

Não bastasse a covid19 registramos, neste ano, perdas que nossos corações não conseguem esquecer e não se aliviam.

Em Monte Sião, dentre as pessoas que se foram, duas ausências me fustigam e me encham de saudades: Hilda Lúcia Grossi Pascoal e Ivan Mariano Silva.

A Hilda, minha eterna colega de escola, amiga de sempre, atenciosa e preocupada em construir pontes entre pessoas. Era uma das organizadoras mais ativas dos encontros dos alunos de D. Ivani, a minha madrinha.

Em 2020, também, foi desativada a Estação do Último Trem porque seu Chefe de Estação e Maquinista resolveu que iria cantar serenatas e pescar no andar de cima, onde a temperatura é sempre agradável, os cantores são

todos suavemente afinados e nas barrancas dos rios não tem pernilongos, mutucas ou "porvinha" (mosquito palha).

Impossível imaginar a falta que faz e o vazio que ficou com a partida do Ivan, homem que exemplarmente foi pai de família, nonno babão, profissional dedicado e cidadão esmerado porque penhorou todo seu tempo disponível aos amigos e à viabilização de eventos, atos e ações destinadas a perpetuar a história e a cultura de sua gente, mesmo sendo Monte Sião, uma pequena cidade.

Ivan, me permito confessar que sua partida levou um pouco de cada um de nós, mas nós prometemos juntar os cacos e com o que ficou manter vivo o seu legado, honrar seu nome e contar a sua história.

É assim que me sinto, meio órfão, meio desorientado, meio aturdido, mas com a esperança de que nós vamos superar as perdas e nos encontrar num mundo melhor.

Apesar de tudo, BOAS FESTAS e ESPERANÇAS RENOVADAS a todos. Que Deus continue nos abençoando e protegendo.

Até qualquer hora pessoal!

Um assustador estrondo nos céus de Monte Sião...

J. CLAUDIO FARACO

Nesta minha última mudança para a Rua do Mercado, encontrei no fundo de um baú qualquer, um caderno de anotações que acabou transformando-se num pequeno diário.

Reli-o com curiosidade e acabei redescobrimo, à página 74, um relato que assustou nossa cidade nos idos do dia 13 de Setembro de 1971, uma modorrenta e apática segunda-feira.

Segundo meus registros de época, eram exatamente 16h20 quando um estrondo ensurdecedor acompanhado de um silvo muito agudo prolongado e fortíssimo rasgou o silêncio da tarde e assustou demasiadamente todos os moradores. Morava eu na Praça Mário Zucato junto aos meus pais e, imediatamente

te, saí correndo em direção à rua, a ponto de ver um avião de caça a jato, da Força Aérea Brasileira, rasgando o céu da cidade sentido norte-sul, ou seja, passando sobre o Morro do Macaco, em baixa altitude, num sobrevoo em linha reta sobre o centro de Monte Sião cruzando o jardim, o Santuário e, pouco além deste, realizando um vistoso semi-círculo da direita para a esquerda, retornando após sobre o Santuário, sempre acompanhado pelos impressionantes estrondos dos motores e de um longo rastro de fumaça branca. Logo após, com um pouco mais de altitude ao se posicionar exatamente sobre o templo, o piloto ensaiou um mergulho radical sobre o jardim! Foi uma cena aterrorizante presenciarmos o nariz da aeronave apontando para o chão qual uma águia pode-

rosa em busca de sua presa e, em questão de segundos, retornar à posição original e rumar sentido Ouro Fino, desaparecendo na imensidão do azul celeste.

No momento em que o avião fazia suas peripécias sobre a cidade, pessoas que transitavam pelas ruas ou no jardim, saíram em correria procurando abrigo nos bares ou em casas de conhecidos, assustadas com o tropejar do avião. O fato narrado permaneceu como principal assunto da cidade durante semanas. Até as novelas da Rede Globo perderam a preferência nos comentários. Afinal, convenhamos, não é todo dia que teremos a chance de apreciar um show de tal magnitude! Ficou, portanto, na lembrança de todos os que foram testemunhas do inusitado espetáculo aéreo.

A VELHINHA DO CRUZEIRO

TONINHO GUIRELI

Um casal que viajava em um cruzeiro pelo Mediterrâneo, e a bordo de um transatlântico dos mais modernos da empresa Princess, passou a observar uma senhora, bem velhinha, porém muito agradável, divertida e bastante solícita.

Mas foi durante o jantar que o casal notou aquela senhorinha, sentada próxima à varanda do restaurante principal. E aí o casal observou que todo o pessoal, a tripulação do barco, ajudantes, garçons e outros, eram muito familiarizados com ela.

Quando o garçom estava atendendo ao casal em questão, foi perguntado quem era aquela senhora, e até se ela era a proprietária da com-

panhia de cruzeiros, mas ele respondeu que não. É que ela esteve a bordo nas últimas 4 viagens, ida e volta. Mas o casal, curioso, ao sair uma noite do restaurante, cruzou com ela e aí aproveitou para cumprimentá-la e também conversar um pouco, e ainda trocar algumas palavrinhas com ela. Afinal, realmente a senhora era muito simpática e agradável, e percebia-se a satisfação das partes, nesse relacionamento que era aprazível a todos.

E aí foi observado a ela, que perceberam sua presença no barco, nas últimas 4 viagens, e se ela realmente viajava tanto assim. E aí a senhora concordou e disse que realmente isso ocorreu. E então disse o porquê! E aí até surpreendeu ao casal, e no-

vos amigos. É que era muito mais barato viajar dessa forma, do que viver em um asilo para velhos, nos Estados Unidos, ela disse. E o casal ficou até um pouco confuso. E ela disse que não ficaria nunca em um asilo, pois ela pretendia viver melhor, e então viajar em cruzeiros até a morte. E que o custo médio para se cuidar de um velho nesses asilos é de 200 dólares por dia. E por outro lado, o Setor de Reservas da linha Princess disponibiliza um desconto grande quando ela compra as passagens para os "cruzeiros" com bastante antecipação. E ainda com um desconto muito bom para pessoas com mais idade, até chegando a 135 dólares por dia. A viagem lhe sai por 65 dólares diários, e mais: paga

só 10 dólares diários de gorjetas, tem mais de 10 refeições diárias se quiser ir aos restaurantes, ou ter o serviço na própria cabine, o que significa ter o café da manhã na cama, todos os dias.

E assim ela aproveita o barco (com 3 piscinas, um salão de ginástica, lavadores e secadores de roupas, grátis); usar biblioteca, bar, internet, cafés, cinema, shows todas as noites e uma paisagem diferente a cada dia, mais creme dental, secador de cabelo, xampu e sabonetes grátis. E que ela é tratada como cliente e não como paciente. E com uma gorjeta extra de 5 dólares, tem todo o pessoal de serviço trabalhando para me ajudar. Disse que conhece pessoas novas a cada 7 ou 14 dias; que se

precisa trocar uma lâmpada, ou verificar um probleminha na TV, ou trocar um colchão, não tem problema, pois consertam tudo e ainda pedem desculpas pelos inconvenientes; também lavam a roupa de cama, toalhas todos os dias, e nem precisa pedir; e caso eu cair e me machucar em algum barco as empresa Princess, vão me acomodar em uma suíte de luxo pelo resto de minha vida, enquanto que, se eu cair em um asilo de velhos, e quebrar a bacia, a única saída é o plano médico; e tem ainda o melhor, que é oferecido pela empresa Princess: Se eu quiser viajar pela América do Sul, Canal do Panamá, Caribe, Taiti, Austrália, Mediterrâneo, Nova Zelândia, pelos "fjords", Rio Nilo, Rio de

Janeiro, Ásia, basta mencionar para onde quer ir... A Cia. Princess está pronta para me levar. E, portanto, jamais me procure em um asilo para velhos, ou em um hospital. "No thanks", como ela disse!

Ah, ia me esquecendo: se eu morrer, me atirem ao mar sem nenhum custo adicional. Pra que vou parar de viajar?

E assim a senhorinha, esperta, inteligente, graciosa, amiga, vai viajando pelo mundo, feliz da vida, esbanjando saúde e felicidade, fazendo amigos, divertindo-se, enfim vivendo a vida, e mostrando aos seus companheiros de viagem, como é bom ter amizade e como é bom ser feliz. E vivendo a vida, como ninguém!

Estranhas tradições de Natal e o Natal atípico

JAIME GOTTARDELLO

O Natal é uma época do ano meio estranha se a gente for parar para pensar. Sim, a importância maior da data é a celebração do nascimento de Jesus Cristo. Mas se reunir com a família, além de prazeroso, pode ficar ainda mais estranho quando colocamos alguns parentes meio excêntricos na mistura. E cada família tem, às vezes, as suas pró-

prias e diferentes tradições natalinas. Porém, talvez nem tão excêntricas e estranhas como em alguns outros países.

Na República Checa eles sabem que Papai Noel pode trazer muitas coisas pela chaminé, mas não um marido! Então eles criaram uma solução simples: na véspera de Natal a pessoa interessada em se casar fica de costas para a porta de entrada da casa e joga um sapato por cima do ombro.

Se o sapato cair com o bico para frente, pode esperar que até o próximo Natal o marido vai aparecer.

Na Escandinávia não faltam tradições natalinas exóticas, talvez pela proximidade com o Polo Norte. A tradição mais famosa é a cabra de Natal, um símbolo popular na Noruega e na Suécia e tem suas origens nos tempos pré-cristãos. Na cidade sueca de Gävle, uma cabra gigante de palha é construída na praça da

cidade. Embora os suecos nos dias de hoje sejam geralmente um povo conservador e obediente à lei, em contraste com seu passado viking, a cabra de palha é queimada como sinal de boa sorte para o ano que virá. Pura anarquia pagã.

Que tal mudar o que se come na ceia de Natal este ano? Na Polônia nada de peru ou leitão, o que se ceia é carpa. É tradição servir esse peixe especial na véspera de Natal, juntamente

com outros onze pratos. No total são servidos doze pratos, um para cada dos 12 apóstolos. E guardam a escama na carteira para ter boa sorte no próximo ano.

O Natal pode ser usado como uma âncora emocional para aliviar o estresse de nossa situação atual e permitir que nos sintamos livres das restrições atuais. Ao comemorar e relembrar o significado do nascimento de Jesus, podemos esperar e sonhar que haverá

uma vacina, o Coronavirus estará sob controle e poderemos em breve voltar aos nossos velhos modos de vida. Ou, talvez, com algumas mudanças que toda essa crise nos obrigou a aceitar.

De qualquer forma, um FELIZ NATAL, de harmonia e reflexões, e um ANO NOVO de saúde e paz. E paciência.

Fábula eterna das terras e das gentes

JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER

Bem lá afastado no tempo, numa viagem de ônibus, ao lado de meu pai, de Cantare a São Paulo, 4 horas, meu pai pegou a me falar do mundo, da existência, de como as pessoas precisam existir, e de como as pessoas querem e pedem a Deus um existir... Beirava Natal.

O ônibus roncando entre subidas e descidas, curvas e retas, e meu pai falando de sua admiração com o mundo que vinha e se abria à frente. Escuta, Zé, olhe pra lá e pra cá, pra frente, pra

trás, quanta terra que o mundo tem, muitos dizem que tudo isso foi emprestado a nós, do jeito mesmo de um cuidar, até quase um adular para sempre, depois, passar pros que vêm, sem ninguém assentar dono. Povo é tonto! Pare aqui e ponha o pé num tiquito dessa terra pra ver, que já vem dono. Olha só, tem posse de toda essa gente; e esse ônibus rodando estradão: dá licença senhor, de rodar por estas terras!... desde lá daquelas bandas, cheias de sempre todos donos. Não há nenhum lugarzinho só para um filho de Deus descansar, nem se

for Deus, poderá descansar nisso tudo que foi feito por ele. Quando isso!... Veja, Natal chegando, Zé, e quem tem mais terra sente-se mais Santo no Natal. Então Natal é ter terra? Jesus tinha terra? Queria ser diferente, não ter terra, ter só alegria de ver todos cantando e assoviando, de tanta existência... Qual, pra mim um violão tá bão!

Olha, esta semana fui na Marcolina, ela me falou isso tudo, assim mesmo; que tá tudo escrito e ninguém lê. Falou mais ainda, que o mundo é de ser muito solto na existência das gentes, e as terras seguindo pra todos os lados, para cada um poder pisar na vontade de ser um filho de Deus, mundão espalhado pros quatro lados. Daí, fiquei encasquetando, noite toda...

Na história de um coi-

tado homem que não fez conta da herança recebida; terras de seus velhos, ficou tudo pros irmãos. E saiu solto no mundo, como diziam os irmãos: ao léu e de déu em déu. Foi o que fez. Depois, quis voltar, sendo com família de filhos pequenos, pois não é que os irmãos negaram-lhe qualquer terra, nem lhe permitiram que pisasse em suas terras herdadas, para chegar lá naquela que seria sua herança no alto de tudo que era ermo, disseram sendo aquela sua a partilha, mas que nada vale! De todo quando menino em família, nada lhe restou, de justo mesmo. Foi o que narrei à curandeira.

E a Marcolina, visionando tudo, justificou prosa além precisa ainda; pra estes dias desgastados das crenças, seu Zico: um can-

tinho carece de ter, pelo menos para descansar, que seja pouco, ao menos de cobrir seu corpo, e se tanto menos for, para só uma campa. Mas, queria ser diferente, queria não ser dono de terra, se nem Jesus tinha terra, neste mundão. Não, Zico, traz pensamento errado pros dias de hoje. Você anda sobre a terra; dos outros, mas algum dia, em algum lugar tem de pisar no que é seu; porque isso, se tem tanta terra no mundo?, e não posso pisar em nenhuma, nem descansar??? Não pode ser! Olhe aqui, seu Zico, nessa grande roda da vida... Foi o que olhei...

Eu conto assim, Zé, que veio visão de uma enorme roda da vida em que a gente vê toda a existência na terra: guerras, invasões, mortes entre irmãos, entre povos,

horda de seres soltos pelos campos em busca de uma nesga de terra. De repente, alguém abaixava, enfiava as mãos na terra, agarrava a terra, puxava, apertava no peito e chorava em gritos: a terra é a única coisa que preciso e vou reconquistá-la. Porque é só o que fica, de nossa vida. Tudo isso que vi. Já era noite: Sem terra, Zico, nada ficará de ti. Não, não, fica é nossa voz no ar!

Admirado, me despedi e desci. Logo me veio Canção Natalina; do Menino Pobrezinho, tão linda, que passei assoviar pelos caminhos do mundo afora, só com o que Deus me deu: voz pra cantar ao meu violão por terras de dá licença, senhor!

Chegamos?
Chegamos!

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020).

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar Eng^o Mecânico Automobilístico
Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha) Monte Sião - MG CEP 37580-000

DELTA FOTO
PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!
Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS
35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

DROGARIAS ULTRA POPULAR
Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itaú) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG
Rua Argentina, 19 - Centro (no Baixo) (19) 3924-1196 Águas de Lindoia/SP

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
@dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

AS MELHORES LEITURAS DE 2020

AROLDO COMUNE

2020 foi um ano bem atípico e complicado. Um ano em que precisamos aprender a manter distância das outras pessoas devido à pior pandemia dos últimos cem anos e que tivemos de nos habituar ao uso de máscaras e álcool em gel.

Bem, como de costume, nesta época do ano, analiso quais livros mais se destacaram durante as minhas leituras ao longo dos últimos doze meses e aponto obras que considero excelentes indicações aos leitores. É válido esclarecer que não se trata de livros lançados nesse ano, mas sim daqueles que li no período mencionado. Das cinco obras aqui listadas, são três literárias e duas de não ficção.

5º lugar: Flores para Alge-ron (de Daniel Keyes). 288 pp. Editora Aleph. Lançado em 1966. Minha lista começa com um romance cujo protagonista é Charlie Gordon, um homem de cerca de trinta anos que possui uma deficiência intelectual devido a um problema genético. Diante disso, seu tio recorreu a um grande amigo particu- lar, dono de uma padaria, para obter um emprego ao sobrinho para que este pudesse ao menos

se sustentar sozinho. Tempos depois, Charlie, ao ser apre- sentado a dois cientistas que tiveram sucesso em uma experi- ência que aumentou grande- mente o desempenho mental de um camundongo denomina- do Alge-ron, decidiu aceitar a proposta para ser submetido ao mesmo tipo de procedimento. A mudança sofrida por Charlie passa a afetar seu relaciona- mento com as outras pessoas. O livro segue uma curiosa linha de questionamento da relação entre inteligência e felicidade.

4º lugar: Brasil: uma histó- ria (de Eduardo Bueno). 480 pp. Editora Leya. Publicado em 2013. Em tempos em que al- guns políticos e influenciadores digitais têm produzido discurs- os negacionistas e sem fundamen- tos e causado tanto barulho, o livro de Eduardo Bueno aparece como uma obra muito importante para se viajar pelo tempo desde o “achamento”, pelos portugueses, do país que viria a ser chamado de Brasil, passando por jesuítas, bandeir- antes, invasores estrangeiros, escravidão, chegada da família real portuguesa, independên- cia, proclamação da república, golpe de 1964, ditadura mili- tar e movimento “Diretas Já”

e finalizando com o governo do PT. Um texto rico em deta- lhes, em ordem cronológica e cercado de muitas fotografias e ilustrações. Uma leitura mui- to recomendada e, sobretudo, necessária, pois, como diz a cé- lebre frase do filósofo irlandês Edmund Burke, “um povo que não conhece sua história está fadado a repeti-la”.

3º lugar: A Sexta Extinção: uma história não natural (de Elizabeth Kolbert). 336 pp. Editora Intrínseca. Escrito em 2014. Para contextualizar, no decorrer da história do plane- ta, já ocorreram cinco grandes extinções em massa, sendo a mais famosa – mas não a mais devastadora – aquela que ocorreu há 65 milhões de anos e causou a extinção dos dinos- sauros devido às consequências ocasionadas pela queda de um asteroide onde passaria a ser o México. As causas das outras extinções se dividem entre res- friamento global, atividade vul- cânica e aumento de metano e gás carbônico na atmosfera, o que causou grande aquecimen- to global. Pois bem, no livro em questão, o assunto é a sexta grande extinção, com treze ca- pítulos citando fatos que mos- tram por que ela está ocorrendo

e apontando o responsável por ela, o ser humano, que entre outras ações: causou a extinção da mega fauna do último perí- odo glacial de tanto caçar esses animais; destrói cada vez mais florestas e consequentemente os animais que vivem nela a fim de desenvolver a pecuária, o extrativismo ou outras ativi- dades comerciais; é responsá- vel pelo transporte, conscien- temente ou não, de espécies de um determinado habitat para um novo local onde elas ain- da não existiam, acarretando a quebra do balanço natural da cadeia alimentar, o que leva ou- tras espécies à extinção; e está sabidamente alterando o clima do planeta pelas emissões de gás carbônico, o que vem cau- sando o aquecimento global, o qual extermina as espécies que não conseguem adaptar-se ao aumento do calor. A obra ren- deu um prêmio Pulitzer na ca- tegoria de não ficção à autora.

2º lugar: Dublinenses (de James Joyce). 256 pp. Editora Penguin Books. Publicado em 1914. O livro é uma coletânea de quinze contos que se pas- sam em Dublin, capital da Ir- landa, e é o primeiro livro em prosa desse importante escritor irlandês. Por possuir um texto

de cunho mais realista e ainda sem os experimentalismos lite- rários modernistas de Ulisses e Finnegans Wake. Dublinenses é considerado uma porta de entrada ideal para as obras de James Joyce. Entre as melhores narrativas, estão: Uma Pequena Nuvem (A Little Cloud), em que o personagem principal, ao reencontrar um antigo amigo, passa a refletir sobre como sua vida tornou-se insossa diante de suas expectativas de décadas atrás; Contrapartida (Counterparts), pesado conto em que um escrivo frustrado com seu patrão busca refúgio no vício em álcool em vários bares até chegar a sua casa e apresentar um comportamento violento; e Os Mortos (The Dead), a melhor história do livro, fechando a obra com chave de ouro. Nesse conto, Gabriel Conroy, um crítico literário, vai com sua esposa a um jantar de Natal na casa de suas tias no qual tam- bém haveria a presença de ou- tros convidados. Após o even- to, Gabriel tem um momento de epifania existencial que é o clímax da narrativa.

1º lugar: A Redoma de Vidro (de Sylvia Plath). 240 pp. Editora Folha de S. Paulo. 1963. O melhor livro que li em

2020 e único romance de Syl- via Plath, nascida nos Estados Unidos e também conhecida por suas coletâneas de poesias, é semi-autobiográfico, ou seja, mostra a trajetória da persona- gem principal, Esther Green- wood, que, como a autora, teve um estágio em uma importante revista, desenvolveu depressão, passou por tratamentos de ele- trochoque e ficou internada em um hospital psiquiátrico, além de tomar certas atitudes deses- peradoras. A profundidade da obra se dá nos momentos em que Esther descreve o crescen- te desânimo e falta de vontade para executar as mais diversas atividades. A depressão é des- crita por ela como a sensação de estar trancada em uma re- doma de vidro, onde não há ar suficiente para respirar, deixan- do-a sufocada. Sylvia Plath não teve tempo para escrever outro romance, pois faleceu um mês depois desse livro ser publi- cado, na época ainda sob um pseudônimo. Isso só mudaria oito anos mais tarde, quando somente então seus familiares autorizaram o nome da autora a aparecer pela primeira vez na capa norte-americana de uma edição de A Redoma de Vidro.

Mais respeito com o português - Nº 26

ISMAEL RIELLI

O(A) amigo(a) já botou reparo na boniteza de uma horta? Como crescem, de um dia para o outro, as abobrinhas, os pepinos que surgem em quantidades numa rama, as melancias, as berinjelas. Invisíveis, a cenoura, a beterraba, o rabanete, o nabo.

A alfaca e a chicória, plantadas em sementes ou em mudinha, com duas modestas pétalas, em pouco tempo ganham novas e mais novas folhas, transformando-se, azinha, em saborosos chu- maques verdes. Merecem atenção o repolho e a rosa. A rosa é o fruto do botão que se abre soltando suas pétalas, já o repolho vai unindo compac- tamente as folhas que nascem aos borbotões, com celeridade, formando um amontoado coeso.

Os peixes nadam no rio
As aves voam no ar;
Meu coração está preso
Nos laços do teu olhar.

Porque, por que, por quê e por-
quê

Porquê substantivo – O porquê: a
razão, a causa, busílis
“Veja bem, foi você
A razão e o PORQUÊ
De nascer essa canção assim
Pois você é o amor
que existe em mim”

Por que, por quê – pronome in-
terrogativo

Orly, por que você não foi à es-
cola ontem?
Quando o por quê está no final
da interrogação, ele é separado e
acentuado.

Mil dias depois, não se sabe
quem mandou matar Marielle e
por quê?
Porque junto conjunção que in-
troduz uma oração causal ou ex-
plicativa.

Não fui à escola porque ontem
fiz um ano que minha mãe foi
operada (causal).
Fique em casa porque (pois) o
COVID campeia solto (explica-
tiva). Causais e explicativas, às
vezes, se confundem.
Por que separado = pelo qual,
pelos quais foram árduas as difi-
culdades por que passamos nesse
“maledeto” ano.

Cegou – me a luz de teus olhos
Enlouqueceu – me teu beijo:
Louco, porém, mais te adoro.
E cego, é que mais te vejo.

Coisas que se atraem!
Nariz e dedo
Mulher e vitrines
Homem e cerveja
Queijo e goiabada
Carro de bêbado e poste
Jato de mijo e a tampa do vaso
Leite fervendo e fogão limpinho
Político e dinheiro publico
Dedinho do pé e ponta dos mó-
veis

Camisa branca e molho de tomate
Tampa de creme dental e ralo de
pia
Café preto e a toalha branca da
mesa
Dezembro na Globo e Roberto
Carlos

Filosofia de pau d’água Italiano.
Silogismo perfeito com premissa
maior, premissa menor e conclu-
são.

Chi beve si ubriaca:
Chi si ubriaca dorme:
Chi dorme non pecca:
Chi non pecca va in cielo!

X X X
Não cultivo ódio no meu jardim
(Pepe Mujica, ex Presidente do
Uruguai. Aquele do fusquinha)

Muita perna tenho visto
Perna fina, perna grossa...
Mas as pernas mais bonitas
São as das moças da roça.

Um pouco de Mario Prata:
Você venceu
Momentos antes de você ser ge-
rado, nove meses antes de nascer,
portanto, você tinha a companhia
de três bilhões de espermato-
zoides ao seu lado. Não existe
nenhuma regressão que faça
com que você se lembre desse
primeiríssimo momento da sua
existência.

Imagine a cena. Três bilhões de
criaturinhas correndo desespera-
damente atrás de um único óvu-

lo. E, se você tem uma certeza na
vida, é esta: só você chegou lá.
Ou seja, você é um vencedor(a).
Não sei como foi que eu e você
conseguimos esta proeza. Talvez
tenhamos atropelados alguns
concorrentes, dado cotoveladas
em outros. O fato é que estamos
aqui. Eu escrevendo e você len-
do.

Vou me embora desta terra,
É mentira não vou não...
Quem vai lá é o corpo só,
mas não vai o coração.

Perda de tempo
O condenado à morte recebeu a
visita do padre:
- Meu filho, eu vim aqui lhe tra-
zer a palavra de Deus! E o conde-
nado, com ar de malandro:
- Perdeu a viagem, chefia... daqui
a pouco vou falar com ele pes-
soalmente!

Mais alguns galicismos- palavras
francesas incorporadas ao nosso
idioma.
Garçonnière – apartamento de
rapaz solteiro destinado a encon-
tros amorosos.
Godet - recorte de pano em viés
aplicado em vestidos, saias, blu-
sas.
Gourmand – apreciador de comi-
das apetitosas, guloso
Gourmet – apreciador e conhece-
dor de iguarias finas
Grand monde – a alta sociedade
Habitué – frequentador

Hélas – ai de mim – valha – me
Deus
Hors concours – fora de concur-
so. Apresentado em exposição,
porém sem concorrer a prêmios,
excepcional.
Hors d’ouvre – antepasto. Ali-
mentos que se comem no come-
ço de uma refeição
Hors ligne – fora de linha, ex-
cepcional, de qualidade muito
superior.
Futuro do sapo (Ary Toledo)
O sapo resolveu consultar uma

cartomante. A mulher botou as
cartas e falou:
- vejo aqui uma moça loira, mui-
to bonita e interessante, querendo
saber tudo de você...
- croac! Onde e quando vou co-
nhecer essa gatinha?
- semestre que vem, na aula de
biologia! No coração moram so-
nhos,
Como pombas, nos pombais;
Mas as pombas vão e voltam,
Eles vão, não voltam mais...

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cap 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS
DERBY Têxtil
Av. Monte Sião, 925
Bela Vista
Águas de Lindoia/SP
(19) 3824.2499
(35) 99138.0307
Trabalhamos com
remalhadeiras "Complet"
novas e usadas
- Agulhas e platinas
para retilíneas
- Agulhas e ponteiros
para remalhadeiras
- Bobinas e seletores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza
interna

105
AUTO PEÇAS
vivo
9 9852 5105
3465 3105 - 3465 5105

HÁ 60 ANOS NO MONTE SIÃO

Publicado em 15 de dezembro de 1960 – Edição nº 65

Números Assustadores

Após árdua campanha, que se prolon- gou de 1º de setembro a 18 de novembro pró- ximo passado, pode-se, afinal, apresentar ao público os resultados preliminares revelados pelo Recenseamento Geral de 1960, com refe- rência ao município de Monte Sião:	Recenseamento de 1950, achava-se assim divi- dida: Quadro urbano 1.200 Quadro suburbano 136 Quadro rural 8.956 TOTAL 10.292	Recenseamento com os do Recenseamento de 1940, verifica-se maior diferença ainda na composição da população presente. RECENSEAMENTO DE 1.940: Quadro urbano 1.023 Quadro suburbano 78 Quadro rural 10.141 TOTAL 11.242
Pessoas recenseadas: Quadro urbano 1.683 Quadro suburbano 111 Quadro rural 7.339 TOTAL 9.133 A população presente, revelada pelo	Pelos números acima vê-se que enquan- to a zona urbana aumentou de 483 habitantes a zona suburbana diminuiu de 25, a zona ru- ral de 1.617 e o município todo de 1.159 habi- tantes Comparando-se os dados do último Re-	Diferenças verificadas: De 1940 para 1950 950 hab. De 1950 para 1960 1.159 hab. De 1940 para 1960 2.109 hab. Nessa marcha...

SEGURANÇA
CATINI
ELETRÔNICA
Ligue:
(19) 3824-5421
(19) 3824-1094

➡ Venda e instalação de Alarmes
➡ Monitorados e convencionais
➡ CFTV - Cerca Elétrica
➡ Locação de equipamentos

Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.
Solicite um Orçamento sem compromisso!

Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas
Águas de Lindoia - SP - www.catinisegurancaeletronica.com.br

VIDAS NEGRAS IMPORTAM(?)

CAROLINA NASSAR GOUVÊA

Depois de passar um tempo escrevendo sobre escritores negros, a série precisava chegar ao fim, para dar lugar a outros textos sobre outros assuntos - tão importantes quanto o racismo - a serem abordados em outras edições do jornal. Mas não gostaria de encerrar refletindo apenas sobre o racismo que também excluiu e ainda marginaliza escritores da literatura brasileira, pois, além de não me lembrar de alguém falando que Machado de Assis era negro, também não me recordo de ter tido um professor negro, seja no Ensino Fundamental, Médio ou Superior. Também, nunca fui atendida por um médico negro, não conheço um advogado negro e, quando vou ao banco, geralmente apenas os guardas são negros, enquanto os gerentes têm a pele branca.

Não bastando tais diferenças, às vésperas do Dia da Consciência Negra, um pai de família, vítima de racismo, foi morto por seguranças no Carrefour. Não bastando a sua morte, dias

depois, algumas pessoas me perguntaram: “Foi racismo mesmo, Carol? Mas eu li, Carol, que ele tem passagem pela polícia”. Tristemente, tais situações descritas evidenciam algo muito cruel: a existência do racismo estrutural fortemente presente em nossa sociedade. O Portal Brasil de Direitos assim define o racismo estrutural: é a “naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro, e que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. Nas palavras de Bárbara Forte, escritora do Ecoa, o racismo estrutural é uma expressão que define o fato de existirem sociedades pautadas na discriminação que dá privilégios a alguns indivíduos, em razão da cor da pele em detrimento das outras. Portanto, no Brasil, por exemplo, essa diferença privilegia brancos e marginaliza negros.

Para exemplificar esse tipo de racismo, após falar de Conceição Evaristo, Maria Firmina e Carolina Maria de Jesus, quero falar de Bianca Santana, autora do

livro “Quando me descobri negra”. “Tenho 30 anos, mas sou negra há dez. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, para as coleguinhas (...) e para toda a família que nunca gostou de tocar no assunto. Mas a vó não era descendente de escravos? Eu insistia em perguntar”. O trecho mostra que dentro da própria família há imposições sobre a negritude que funcionam com um muro o qual impede que o indivíduo olhe de forma positiva para si em relação a sua origem. Conheci Bianca durante a Olimpíada de Língua Portuguesa, durante uma palestra ministrada pela própria escritora. Em seu livro ela traz relato de histórias vividas por ela e também contadas por outras pessoas negras que confirmam a presença desse racismo estrutural em nossa sociedade. Dentre as histórias, uma delas me chamou mais a atenção. O texto intitulado “Posso te fazer um pedido?” relata a seguinte situação:

Um sorriso, desses sem

mostrar os dentes, seguido do pedido:

- Uma mesa para dois, por favor.

Um sorriso em resposta, do mesmo tipo:

- Eu não trabalho aqui.

Outro sorriso e outro pedido:

- Você pode levar uma água até aquela mesa, por favor?

A resposta sem sorriso:

- Eu não trabalho aqui.

O terceiro sorriso em menos de cinco minutos e um outro pedido:

- Eu preciso de um cartão.

O desejo de responder aos berros que estou esperando a minha amiga sair do banheiro pra sumir daquele café onde quem frequenta é branco e quem trabalha é preto.

Mas a resposta cordial, tranquila, a seco:

Eu não trabalho aqui. Posso te fazer um pedido?

O texto termina com uma indagação e fiquei pensando no possível pedido de Bianca. O que ela pediria? E, em meio a uma sociedade advinda da mistura de negros, índios e brancos, qual seria a solução para que as pessoas

“acordem” para um problema tão grave? Como professora de Redação, se dou aos meus alunos o tema racismo para que eles escrevam, a fim de se prepararem para o Enem, exame cuja redação cobra uma proposta de intervenção social, é comum que a proposta dada por eles envolva conscientização a respeito das consequências do racismo, debates ou palestras sobre o assunto. Provavelmente a maioria dos alunos escreveria que isso deve ocorrer na escola. Entretanto, em minha memória de estudante, apenas no dia da Consciência Negra há algum trabalho, apresentação, palestra ou debate sobre o tema e, ainda assim, de um modo tímido, longe de suscitar algo que realmente desperte ou incomode as pessoas a ponto de esse debate se converter em ações que favoreçam uma sociedade menos racista. Vale ressaltar que os autores de livros didáticos são racistas e os próprios críticos da literatura também são. Prova disso é a falta de espaço para a escritora Carolina Maria de Jesus dentro da literatura. Após mais de 40 anos da morte

da autora, ela ainda não foi reconhecida devidamente. Para alguns críticos ela não era uma escritora. Nos dizeres do pesquisador Kabengele Munanga, o cânone acadêmico e literário é composto de uma “elite intelectual” de homens “machos brancos mortos”. Por isso, escrevera Carolina “Os brancos têm mais possibilidades na vida do que o preto. Os pretos é sempre posto de lado”.

Outro aluno, escrevendo uma redação sobre o mesmo tema, poderia propor leis mais rígidas a casos de discriminação racial, mas se a legislação existe, como respaldar-se na lei quando a delegada Roberta Bertoldo, responsável por investigar a morte de João Alberto Silveira Freitas no Carrefour afirma não ter havido racismo na morte do Beto? O julgamento da influencer Mariana Ferrer - que acabou em sentença de ‘estupro culposo’ e advogado humilhando a menina - prova que temos, no Brasil, um judiciário elitista e machista. Porém, sabemos que a justiça brasileira também é racista. E agora, José? Vidas negras importam?

Perspectivas para 2021-2025, na ótica de um Monte-Sionense

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

As eleições de 22 de novembro próximo passado elegeram prefeitos, vice-prefeitos e vereadores de (quase) todos os municípios brasileiros para o quadriênio 2021-2025. Monte Sião não fugiu à regra e reelegeu a dupla José Poca Júnior - PSL e José Rafael de Castro Ribeiro - DEM como prefeito e vice-prefeito, respectivamente, e os nove vereadores: Angélica Artuso de Souza - PSD, Osvaldo Inácio (Sanhaço) - PSD, Décio Fred - PSD, Donizeti Benedito da Silva (Toca Fita) - PSDB, Gedielson Fernandes Maciel - PV, Hércules Divino de Faria - PTB, Maurício Zucato Júnior - PSDB, Platini dos Santos Pereira - PTB e Sérgio Ricardo de Freitas (Paquito) - PSL, dos quais cinco foram reeleitos e quatro são novatos nos cargos.

Ao analisarmos a conjuntura do executivo e do legislativo recém-eleitos, este com quatro vereadores na coligação do executivo (PSL+PSDB+PV) e cinco na coligação de oposição (PSD+PSDB), a data de primeiro de janeiro de

2021 é de renovação de esperanças. Embora seja um sonho de todo Executivo ter a maioria na Câmara, é bom para a saúde da democracia que isso não ocorra, como vai acontecer em Monte Sião. No entanto, essa premissa realmente se concretiza desde que a oposição seja honesta e consciente, ao invés de ser cega, radical e estúpida. Infelizmente, incontáveis maus exemplos já vividos nas últimas décadas, nas três esferas governamentais e sem exceção, não confirmam essa dívida da democracia, daí então a renovação das esperanças.

Nessa renovação está a consciência da independência dos poderes, no caso executivo e legislativo, para que sejam adeptos do diálogo constante, praticantes das discussões produtivas, conscientes da não onipotência, para que sejam leais à transparência e à honestidade e fiéis aos preceitos dos seus cargos; que sejam eficientes, produtivos e humildes, pois assim como publicou o Prefeito reeleito no seu grupo de WhatsApp, no dia 07 de dezembro, “Humildade não te faz melhor do que ninguém”. Especifica e

particularmente, o que espero de cada um dos nossos onze recém-eleitos? Primeiramente gostaria que essa esperança seja compactuada pela população monte-sionense, ou ao menos pela maioria dela. Assim, espero:

- Do Prefeito: A capacidade administrativa para uma gestão transparente e justa, sabedoria nas decisões, consciência de que necessitamos de uma Diretoria de Turismo, mas com um Diretor capaz à frente, que saiba que a onipotência não é um tributo do cargo que ocupa, que saiba ouvir seus interlocutores olhando no olho de quem lhe fala, que coloque o celular de lado quando em atendimento de um cidadão, que tenha a consciência de que, embora o Museu seja gerenciado pela Fundação, os méritos são do Município (o Museu necessita de dois funcionários!), que tenha peito para tocar em frente o Projeto do Mini Minas e de enfrentar a CEMIG para a Rua dos guarda-chuvas, que tenha a humildade de pedir ajuda quando necessário, pois não é onisciente, por mais que queira.

- Do Vice-Prefeito: Que

com a sua experiência, por duas vezes no cargo de prefeito, seja agora sombra do titular de plantão, que seja seu braço direito, conselheiro e mentor, que não seja um peso morto na administração, como foram vários em um passado bastante recente.

- Dos vereadores reeleitos: Aos cinco que já acumulam experiência, ou ao menos sobre alguns deles, pode pesar erros ou falhas cometidas em mandatos passados. Caso isso tenha ocorrido, muito provavelmente tais erros ou falhas tenham sido resultados da vontade de acertar, mas que tenham servido para lapidar o caráter de cada um, pois todos parecem dignos dos cargos que em breve serão reempoados.

- Dos vereadores recém-eleitos: Sobre vocês pesam as maiores responsabilidades na renovação das esperanças, pois se espera a não adesão aos atos de politicagem barata da Casa, tais como: votos de pesar por falecimento de conhecidos (vá à casa da família do falecido e transmita seu pesar com sinceridade, sem alardes); indicação de nomes de conhecidos falecidos para

nome de ruas, ruelas e vielas (isso em muitos casos desonra a imagem e a lembrança do então “homenageado”); não apresentem propostas de alteração de nomes de logradouros ou prédios públicos substituindo nomes que vocês não conhecem por nomes de conhecidos (como foi feito com a Rua da Saudade, com a Rua Direita, com a Escola Adalgiza Chantal Canela, etc.); não indiquem nomes para serem homenageados com o título de “Cidadão Monte-sionense” e/ou medalha “Major Antonio Bernardes de Souza”, sem antes ampla e profunda pesquisa histórica e justificativa robusta para a indicação (consulte, seja ciente, entenda o espírito e faça valer o Inciso XVI do Art. 31 da Lei Orgânica de 29 de março de 1990)

- Dos nove vereadores eleitos: Primeiramente, que nenhum de vocês se bandeie de lado, pois, usando uma legenda e sob uma proposta, convenceram os cidadãos que os elegeram. Portanto, uma mudança por pura comodida-

de política seria uma traição ao eleitorado e encarada como politicagem. Por outro lado, se com o passar do tempo a conjuntura política/administrativa for se alterando e houver justificativas plausíveis, então a “mudança de lado” se fundamenta e deve ser aplaudida.

Dos onze eleitos, apenas um dos vereadores levou o meu voto, no entanto, torno público que todos, e principalmente o Prefeito, podem contar com o meu apoio irrestrito na minha área de conhecimento e/ou atuação, mas com a condição de ser em prol do desenvolvimento de Monte Sião. Por motivos pessoal e familiar, não tenho o meu prefeito, mas tenho o Prefeito da Minha Cidade; como tal, além de ter o apoio já prometido, também pode contar com a minha lealdade, respeito e desejo de sucesso, pois isso faz parte do espírito democrático que comungo e me permite renovar as esperanças no dia primeiro de janeiro do Ano Novo.

O mundo de incertezas

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Quando o ano de 2019 começava a desaparecer na estrada do tempo, as pessoas no mundo todo — reunidas em igrejas iluminadas ou pelas ruas de liberdade, em casas com mesas fartas ou em barracos cheios de fome — cantavam esperanças: Adeus, Ano Velho! / Feliz Ano Novo! / Que tudo se realize / No ano que vai nascer / Muito dinheiro no bolso / Saúde pra dar e vender. Os usuais votos de um ano

melhor. Que ficassem para trás todas as tristezas e insucessos. Que viessem novos caminhos, novos tempos. E veio 2020. E não veio o que se desejava. Ao contrário, veio um vírus devastador que colocou a humanidade de joelhos. Uma doença inesperada que obrigou a todos a se esconderem onde pudessem. A evitar até abraços e apertos de mãos. A se isolarem como se a solidão fosse um padrão para a saúde. Veio o medo. No lugar do “amai-vos uns aos outros” veio a terrível sentença: fi-

quem longe uns dos outros!

O mundo acabou? Não!

Neste novo final de ano, é provável que as pessoas sejam mais prudentes ao desejarem seus votos para 2021. Serão votos tímidos, cheios de cautela. Frutos da incerteza. É possível que ao invés de desejarem grandes coisas se contentem apenas com uma vacina que possa expulsar o monstro de nossas vidas cotidianas. Imagino que, mesmo a distância, as pessoas vão se amar mais. Pois já descobriram o quanto dói a ausência. Quanta falta

nos faz a liberdade do abraço. Nunca mais o mundo será o mesmo. Espero que tenha chegado um ponto de aprender lições de humildade. De saber identificar o que realmente importa e tem valor. De reconhecer nossos limites como seres humanos. De pensar que um Deus sabe muito mais do que todos nós juntos. E que nasce todo ano para nos inspirar. Que nunca desapareça em nós a esperança de dias melhores!

E que venha 2021.

ACIMS
Associação Comercial
Industrial, Agrícola e de Prestação
de Serviço de Monte Sião

Senhores Empresários,

RECOMENDAMOS:

O Plano “Minas Consciente – retomando a economia do jeito certo” de 20/04/2020 e o Decreto Municipal 8.131 de 27/07/2020, nos orienta da retomada segura das atividades econômicas, que por meio de um protocolo sanitário único, os empreendedores estão norteados com os critérios de segurança de suas atividades mediante ao quadro de **pandemia do COVID-19**. Além de orientações básicas e gerais, comum a todos os setores.

Fica patente que estão **proibidas as aglomerações, principalmente as típicas de eventos festivos**, tendo em vista o alto risco de contaminação.

Desejamos apenas alertar que caso seus colaboradores se contaminem no ambiente de trabalho e a empresa estiver sendo negligente quanto aos protocolos de segurança, o empresário será o responsável por todos os prejuízos que possam advir desse descuido.

Vale recomendar então que **evitem a realização do evento de confraternização de final de ano**, seja na própria empresa ou qualquer outro espaço.

Conversem com seus colaboradores, eles saberão entender a necessidade momentânea de evitar essa justa comemoração após um ano de sucesso apesar dos percalços. **Pois somente preservando a nossa saúde teremos outros finais de ano para comemorar.**

Boas Férias e Bom Natal!

J. Tadeu D. Machado - Presidente

As ruínas

MATHEUS ZUCATO ROBERT

O calor das ruas de São Paulo não a impediu de ver com clareza. O tempo abafado, indeciso de chuva, o cheiro dos mais profundos degraus da humanidade, o cansaço nas pernas, o suor escorrendo no rosto: nada disso pôde esconder dela aquilo que não era para ser visto, mas que viu de perto, com olhos nos olhos daquele que fora portador do clímax de sua vida.

Dona de passos já conhecidos, descia as escadas de uma estação de metrô da metrópole paulistana e teve de desviar seu caminho, uma vez que na escada sentava-se um homem de pele escura e cabelo sujo, com suas únicas roupas, e que, peculiarmente, segurava em cada mão um par de pedras. Aquele estranho senhor agitava-as como fosse iniciar um malabarismo, como estivesse treinando

o momento exato da entrada na qual as quatro pedras seriam jogadas ao ar para se dar o início a algum tipo de espetáculo. Curiosa, desceu as escadas com os olhos fixos no homem que agitava as mãos com as palmas voltadas para cima, os pequenos fragmentos a se moverem sem nunca tomarem real movimento no ar. Foi o bastante para ela, que teve de conter a descida para observar o homem que ria consigo mesmo e dizia, para ninguém, “eu perdi, eu perdi, onde é que tá?”.

Absorta, elucidou-se: realmente, pensou, onde é que estava? O que? Não sabia. Questionou-se onde é que estava. Simples assim. Ela, em apenas alguns momentos de contemplação, encantou-se com um Diógenes sem-barril que, provavelmente da alienação, filosofava consigo mesmo a respeito do que havia perdido, algo que provavelmente nem

existisse, tal qual o receptor daquele seu questionamento que proferia. As pedras mexendo-se naquelas mãos encardidas a hipnotizavam de maneira que em seu mundo, de repente, só cabia o chocalhar rochoso a ritmar aquela melodia que cantava sem som o homem sentado.

E onde é que estava aquilo de que precisava tanto? Aquilo que imaginava um dia poder completar a sua completude falha; que poderia arrancar de si sorrisos inacabáveis que a fariam pôr as mãos na cabeça e pensar consigo “que feliz eu sou?”. Onde estava o brilho dos olhos que eram tão seus; a eterna primavera da infância, o sangue dos joelhos maculados, a ousadia da descoberta da vida, a inocência da beleza do mundo, o fervor do primeiro amor, o vigor noturno; onde é que estava a paz que sentia sob a ditatorial segurança ancestral, onde é que tinha se escondido o medo

de indefinido e o medo ainda maior do desconhecido? Onde é que estava sua cegueira pelo sacro e o ímpeto da liberdade? Onde é que estava qualquer coisa que a faria parar de procurar? Absorta, percebeu que havia perdido tudo o que já não sabia mais onde procurar nem a quem pedir. Desceu um degrau a mais e se encontrou no mesmo nível do homem que continuava seu ritual peculiar. Mas não era o bastante.

Num degrau abaixo daqueles pés descalços, ela sentou-se sob maciço torpor. O homem a percebeu e se calou. Ela, quase sem vida nos ossos, resignada perante o que já não era de si, perguntou ao homem, “onde é que está? Eu perdi?”, e o homem levantou-se, desceu os degraus e foi embora. No seu lugar, os dois pares de pedras jaziam órfãos até serem encontrados por uma mão que os abraçou como quem diz adeus.

Iniciação

LUIZA HADASSA FARIA

Aos 13 eu já espalhava aos quatro cantos que era feminista, nem sei se sabia ao certo o que isso significava. Aos 14 tive um daqueles namoros adolescentes que, pra mim, foi a própria personificação da liberdade, daquelas que nunca imaginei que teria, não tão jovem. Afinal de contas, meu berço foi tradicional-cristão, a rotina dos sábados e domingos era na igreja, cheia de pequenas imposições que já me faziam sentir enclausurada — a saia deveria ser comprida o bastante para não atrair olhares indesejados (olhares masculinos), seios pra dentro, pouca maquiagem e conduta exemplar. Mas para minha surpresa, aquele relacionamento fez com que me deixassem voar, ou melhor, que me permitissem a sensação do voo.

Quando o tal romancinho acabou, percebi que aquela liberdade, estranhamente concedida por meus pais, sem grandes exigências, não era de fato minha, mas dele, do cara. Me achei traída. Senti rasamente o que era o patriarcado, do qual

as mulheres mais velhas sempre falavam, percebi que uma presença masculina — ainda que de pouco mais de um metro e sessenta e porte físico nada impressionante — já era o suficiente para legitimar que uma adolescente como eu passasse uma noite fora de casa, usasse roupas curtas e até frequentasse lugares destinados a públicos mais velhos.

Nessa época meus professores do colégio já falavam sobre a situação das mulheres sauditas, que, mesmo maiores de idade, só podiam viajar com autorização legal de seus pais ou maridos. Eu achava o maior absurdo, uma distopia! Até que me vi em situações em que eu precisava implorar, argumentar por horas a fio, pela permissão de meus pais para fazer coisas que eu já fazia há muito tempo (porém dessa vez, sem um homem por perto). E ainda que meu drama-lhão adolescente não fosse nada se comparado à situação política das mulheres ao redor do mundo, pela primeira vez, eu pude ter uma pequena ideia de como era precisar (ou achar que precisava) de um homem para fazer algo por mim. Aqueles

posts que eu lia no Instagram, nos quais as feministas falavam sobre um tal de “poder do falo” finalmente fizeram algum sentido, eu estava imersa na minha própria sensação de impotência, sujeita a um poder estranho, alheio, que eu só conhecia na teoria; estava começando a me perceber como um ser político.

Em O Segundo Sexo, Beauvoir já havia me mostrado através da história, da psicanálise e dos mitos a posição de “outro”, sempre ocupada pela mulher. Nunca de agente soberano, de Eu, sempre de outro. Minha situação pessoal me possibilitou, por fim, compreender minha condição feminina, de outro, supostamente frágil, carente de certa proteção, que para minha família só poderia ser oferecida por alguém do sexo masculino.

Aos 16 se iniciou em mim um processo de dissolução da concepção infantilizada de feminismo que eu tinha até então, um que pregava com veemência o exercício de uma sexualidade livre, que pintava modelos nuas nas capas de revista e dizia que aquilo era um corpo livre. Ainda que fossem sempre corpos magros, curvilíneos, normalmente

brancos, nunca muito

destoantes do ideal de beleza ocidental. Até então eu não entendia que o jogo de poder masculino acontecia principalmente no campo do simbólico, de uma violência silenciosa, que vinha sempre disfarçada de cuidado, proteção, carinho e cavalheirismo. Entendi que essa violência não poderia ser combatida unicamente com hashtags nas redes sociais e fotos de mulheres com os peitos de fora, que seria preciso mais: uma luta com o não palpável, com o invisível.

Foi ali que vislumbrei pela primeira vez que teria de travar uma constante batalha por um espaço meu, só meu, no qual minha presença fosse assustadora o bastante. Queria ser livre, e queria as outras mulheres também o fossem, cada qual em seu contexto e em sua teia de relações. Comecei a visualizar em meu cotidiano “micropressões” que já estavam naturalizadas e me senti no dever de lutar contra elas, ainda não sabia como, não conhecia as armas de que dispunha, mas tinha a plena certeza de que faria de minha vida uma grande luta.

Perfumes de Natal

ZUCA

Diz a lenda que o primeiro presépio foi montado em 1223, por São Francisco de Assis, na Itália.

Presépio, que vem do latim PRAESAEPTE, significa CURRAL e representa a cena do nascimento do Menino Jesus em uma manjedoura de Belém, na Palestina, cercado de pastores e seus animais de criação. Quer mostrar aos homens a humildade de Deus quando se fez carne.

Eu sempre fui um aficionado por presépios. Tive alguns para brincar, junto com os índios e a cavalaria dos Fortes Apaches, ou os cavaleiros medievais de Playmobil. Sempre que ia para outra cidade na época de Natal, pedia para passar onde tivesse um presépio montado. Lembro especialmente de um em Campinas, que tinha peças com movimento, tinha um homem com realejo e um pipoqueiro; personagens fora do contexto tradicional. Ainda hoje, sempre que tem um por perto, faço questão de visitar. No Museu de Arte Sacra em São Paulo, tem uma exposição permanente, com um grande presépio Napolitano, que foi presente de D. João VI, com cenário típico da cidade italiana, com cenas cotidianas ao redor da Sagrada Família.

Quando criança, logo que começavam as férias de dezembro, já começava enlouquecer minha mãe, minha avós e minhas tias

para montar seus presépios, que eu lógico, dava um jeito de ir ajudar mesmo sem ser convidado. Era um ritual e hoje guardo boas lembranças, que são sempre acionadas por imagens, sons e perfumes que ficaram gravados. Ir cortar bambu e pegar touceiras de grama lá na chácara da tia Nenê, buscar pó de serra lá no Rico, abrir as caixas onde ficavam guardadas o ano todo toda aquela magia do Natal, que era então liberada com a montagem do presépio.

O presépio da vó Francisca foi sempre o mais aguardado, o mais fantástico! Montado sobre uma mesa de madeira e colocado no canto da sala, era primeiro preparado amarrando o bambu fino nos quatro pés da mesa e curvando os dois ramos da frente e os dois do fundo, criando arcos. Depois era colocada uma saia na mesa, normalmente com um lençol claro e florido. Em seguida, era espalhado a serra-gem por todo o tampo da mesa, estrategicamente colocadas duas grandes touceiras de grama em dois cantos e escondidas as bordas de um espelho que seria o lago dos patinhos. A manjedoura era uma casinha com troncos de madeira e telhado de palha, com uma luz colorida que era acesa toda noite. Nos arcos do bambu eram amarradas algumas bolas de Natal, o Anjo e a Estrela Guia. O cenário estava armado.

As imagens eram desproporcionais. O Menino Jesus era

gigante diante de José e Maria e todos os outros personagens. Ele só seria colocado no presépio na ceia do dia 24 de dezembro, depois que todos rezassem, que todas as crianças dessem um beijo nele e uma delas então colocá-lo aconchegado no centro das atenções lá na manjedoura. Esse presépio, se me lembro bem da história, minha vó ganhou em 1938, ano que meu pai nasceu (no dia 26 de dezembro, segundo minha vó contava, quando ela achava que estava passando mal por ter comido alguma coisa a mais no Natal). Existiam umas casinhas de papel cartão, também desproporcionais em relação às imagens, ricas em detalhes e realismo. Casinhas, igreja, casarões. Em geral a distribuição era a clássica: José, Maria, com o burrinho e uma vaca, na manjedoura; pastores e ovelhas, na grama; patos no lago espelho; reis magos e camelos mais ao fundo na serra-gem (eles só chegariam na entrada da manjedoura no dia 06 de janeiro, Dia de Reis e da Epifania), casinhas distribuídas também mais atrás nas colinas formadas pela serra-gem.

A Árvore de Natal da minha vó também era única! Nunca vi outra igual. Um pinheirinho verde, com “bolas” de Natal muito diferentes. Algumas eram em formato de balão, outras em formato de gota, outras bolas mesmo, mas nenhuma igual as outras, todas “esculpidas” no vidro e coloridas com uma tinta

viva e envelhecida ao mesmo tempo. As luzes de pisca-pisca também tinham formas especiais, cachos de uva, lâmpões, guirlandas e estrelas iluminadas, que refletiam as cores pelos galhos verdes e pelo festão nevado de pontas brancas.

Lembro do cheiro da serra-gem com a grama e o bambu, com certeza o mais característico perfume daqueles Natais, que mais fortes lembranças me trazem. Mas tantos outros perfumes daquela época trazem as boas lembranças e me fazem de novo sentir o Natal realmente Sagrado.

O perfume da minha Vó Francisca, de uma suave lavanda misturada ao fumo do seu cachimbo. Estou aqui escrevendo em silêncio e esse cheiro vem mansinho que parece que ela está ali sentada ao meu lado, resmungando que queria colocar mais dois Reis Magos de papel no presépio e a tia Sônia não deixou.

Os perfumes das ceias de Natal com a família toda ali reunida; minha vó, meus pais e irmãos, tios, primos, o querido João Barbosa caçador de sacis e contador de causos para divertir as crianças enquanto o tio Harry se fantasiava de Papai Noel, o seu Albertino Rezende com a dona Jupira (que não perdiam uma ceia lá). Teve até um ano que vieram da Itália o Carlo e a Nelda, uns primos que comeram manga com feijoad e quase morreram

O canto da Poesia



Mea culpa

Há tempos que repenso meus pecados

Os mal feitos os bem feitos e os malvados

Todos são van goghs e picassos caprichados

que imagino repintá-los

Eraldo Monteiro

Memórias

O perfume da casa de paredes caídas numa rua deserta

do café esfumaçando a manhã de um tempo inigualável e azul

da mãe e o do pai confabulando segredos num bolo de fubá

do gato e do menino que pensava ser poeta e desvendar mistérios

mas que era apenas um velho revivendo histórias

J. Carlos Grossi

Vício

Você é a droga que alegre e entorpece Depois afoga No veneno que desfalece. Mas tenho o antídoto Para curar o fastio e driblar o tédio: Sirvo-me de outra dose.

B. O. B.

Rascunhos em punhos

E só porque houve sobrevida dentre todas as falhas, agora, falha em seu começo o falto coração.

Que não se sendo metáfora É o órgão impudico não puro Que essa é isso a semente Metáfora das outras todas Metáforas e metas e foras, Arroubos arrevos e ares Entristecidos Pela sua concepção Contrária

Paulo T. Paes

(1956-2004), nascido em Monte Sião, foi psicanalista, poeta, professor. Sua poesia foi publicada com autorização de sua esposa e filhos.

por aqui. O perfume das nozes e castanhas. O perfume das carnes e dos vinhos. O doce perfume do açúcar melado da Rosca Estrela da tia Haydeé levava para a festa. O perfume que vinha do doce com figos inteiros cozidos, recheados de leite Moça cozido e açúcar cristal por cima, tradição da família. E não era leite condensado não, tinha que ser leite Moça, que como dizia o tio Nenê “é bom até com b... de vaca”.

Tinha o perfume do panetone assando na cozinha, que minha mãe preparava com as uvas passas que a Dona Odete Volpini me mandava de presente todo ano. Tinha o perfume de banho da minha mãe, a última a se aprontar para a ceia, depois de preparar as comidas que ia levar para lá. O perfume das roupas novas que só chegavam para o Natal. O perfume dos brinquedos que Papai Noel deixava escondido embaixo da saia do presépio. O

perfume da chuva na praça a caminho da Missa do Galo.

E os perfumes do dia seguinte, do almoço de Natal na casa do vó Peri e da vó Neca. Mais um monte de tios e primos por lá. O tio João que já era rosado, vermelho de tomar vinho. O Shirley com a vó Nita sempre fugindo de fotos. O perfume dos doces da vó. O cheiro de frango assado de todo domingo, que também frequentava a mesa natalina. Os perfumes da mesa farta montada no meio do quintal. Esses perfumes que nos seguiam por vários dias em brincadeiras com os presentes de Natal e que fazem ainda um Natal tão presente. Perfumes e mais perfumes que formam um turbilhão de saudades agora, quando se aproxima mais um Natal.

Assim desejo a todos, um Feliz Natal perfumado e um Ano Novo de construção de novas boas lembranças!

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Dezembro de 2020

Nº 582

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

DEZEMBRO DE 2020

Dia 01 Anselma Gaioto Benatti Ricardo Fernandes Freire	Dia 02 Willian Augusto de Paiva	Dia 03 Iolanda da Fonseca Silvério	Dia 04 Raimundo Esteves da Silva Vera Ap. Labegalini Denez, Marumbi/PR	Dia 05 Renata Zucato Valéria Elena Canela Alice da Silva Diego Felipe Souza Dias	Dia 06 Tatiani Campos Freire	Dia 07 João Gabriel G. Silva Horácio Glória Canela Débora M. Comparim Zucato	Dia 08 Maria José da Costa	Dia 09 Maria Dione Viviane Fernanda F. Fazoli Gotardelo	Dia 10 Samantha Zamuner de Souza, Gatinha do Jornal no mês de Agosto de 2007	Dia 11 Neuza de Lima Amábilis Barbosa Ferraz Flávio Anselmo Scachetti Débora Valdissera dos Santos	Dia 12 Inês Shibuta	Dia 13 Flávia Coutinho, Gatinha do Jornal do mês de Setembro de 2007.	Dia 14 Israel Pereira Barbosa Evandro Takahashi Eurema Labegalini Tiago Henrique Artuso	Dia 15 Celina Dorta Machado Sofia Borges Galbiati Eduardo Vicente Gaspari	Dia 16 Érica Borges de Queirós	Dia 17 Wellington Vieira Macedo Jr.	Dia 18 Pedro Henrique Z. Righetto	Dia 19 Antonio Roberto C. Genghini	Dia 20 Oralina B. do Nascimento	Dia 21 Luís Henrique Bossi B. Veloso	Dia 22 Waldemar de Castro Jr., Luciana Silvério da Fonseca	Dia 23 Luiza Lázari Bueno	Dia 24 Eduardo Kenji Izumi	Dia 25 Larissa Zucato Lopes Vanessa Durante	Dia 26 Dr. Antonio Marcello da Silva, Fundador e colaborador deste jornal	Dia 27 Flávio Leme Marcelo Zucato Hiroshi Takahashi Dulcelene Pioli	Dia 28 Bruna Vilela Bueno Fábio Labegalini Zucato, Vilma Helena da Silva, Paulo Roberto Labegalini, Henrique Monteiro Mário Sebastião Labegalini Lúcio B. Labegalini Nelson Labegalini	Dia 29 Rafisa Aparecida Ferreira de Godoi, Gatinha do Jornal em Agosto de 2009. Sebastião Romeu de Souza Euclides Sebastião Denez, Marumbi/PR Wilson Rodrigues de Bacelar, Barueri/SP	Dia 30 Nayara Barbosa, Gatinha do Jornal em Outubro de 2007	Dia 31 Pedro Antonio G. Silva Miriam Nozomi Izumi Larissa Ribeiro Labegalini, Gatinha do Jornal em Dezembro 2007 Inês Pires Fonseca
--	------------------------------------	--	---	--	---------------------------------	--	-------------------------------	---	--	--	------------------------	--	---	--	-----------------------------------	--	--------------------------------------	---------------------------------------	------------------------------------	---	--	------------------------------	-------------------------------	---	--	---	--	--	--	--

A todos, as felicitações da Redação!

Aniversário da FCPA

Nesse dezembro a Fundação Cultural Pascoal Andreta completou 38 anos de atividades ininterruptas, voltadas a cultura e educação. Desde sua criação em 08 de dezembro de 1982, a FCPA vem cumprindo seu papel social através da execução de seus projetos: Concurso "Fritz Teixeira de Salles" de poesia, concurso de fotografia, arte na praça, fundação do Círculo Italiano local, construção e manutenção do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, concursos de redação e desenhos nas escolas locais, publicação de livros pelos alunos das escolas municipais através do projeto "O semeador de livros" e, juntamente com a ONG Expressão Livre, a formação de novos músicos com a manutenção da Banda Lira Monte Sião. Ah, não poderia deixar de citar também a elaboração, impressão e divulgação do Jornal Monte Sião. Por tudo isso, desejamos vida longa à FCPA.

Banda Lira Monte Sião

No mês de dezembro, a Banda Lira se apresentou pelas ruas de Monte Sião e no bairro Mococa. Foram 3 exposições de um repertório diversificado, que encantou a população com músicas Natalinas, MPB, música clássica e dobrados. Sob a batuta do regente Samuel Rodrigues, os integrantes

da Banda estão dando um show nas suas apresentações.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2020 (Fonte: TSE – Tribunal Superior Eleitoral)

Após o fechamento da edição do mês de novembro, houve alteração na composição da Câmara de Vereadores de Monte Sião, motivada por julgamento de recursos impetrados no TRE -MG.

Publicamos então a nova relação dos vereadores eleitos para a legislatura de 2021-2024

MONTE SIÃO – VEREADORES ELEITOS (Ordem alfabética)

Angélica Artuso de Souza
Antônio Oswaldo Inácio
Décio Fred
Donizeti Benedito da Silva
Gedielson Fernandes Maciel
Hércules Divino de Faria
Maurício Zucato Jr
Platini dos Santos Pereira
Sérgio Ricardo de Freitas

COALIZÃO X COLISÃO José Antonio Zechin

O Brasil é um país imenso. Você pode até pensar que é um bloco único, mas não é. Somos 210 milhões de habitantes desunidos. Primeiro, dividido em cinco regiões: Norte, Nordeste, Cen-

tro-Oeste, Sudeste e Sul. Depois, em 26 Estados e um Distrito Federal. E 5.570 municípios. Nesta terra de tupiniquins há três Poderes igualmente desarmosamente desunidos entre si. No Executivo somos representados por um presidente e 5.570 prefeitos. No Legislativo, por 81 senadores, 513 deputados federais, 1.059 deputados estaduais e mais de 57 mil vereadores. No Judiciário, em várias instâncias, principalmente por 11 ministros no STF, que não são eleitos por ninguém. Mas decidem praticamente tudo. Coloque nesses números alguns milhões de "aspones" (sabe o que significa?). Enfim, essa é a poderosa máquina do poder brasileiro. Acha pouco ou bastante? Se perguntar a cada um deles qual o propósito de estarem onde estão, todos — absolutamente todos — dirão que amam seu país, estado e município. Que se elegeram porque amam o povo, querem o bem do povo, o povo deve vir sempre em primeiro lugar. Nunca vi tanto amor pelo povo. Todas as vezes que ouço que — para melhorar o Brasil — eles estão a caminho de alguma coalizão, logo entram em rota de colisão. Acabamos de votar. Desta vez vai ser diferente?

A elegância da vida

ZEZA AMARAL

Digam os poetas, os oradores e os sábios o que quiserem, a velhice não deixa de ser a velhice. (Sinclair Lewis)

Estou envelhecendo e isso me parece natural. E, hoje, neste belo domingo, estou cruzando a linha dos setenta e dois anos. Nasci pelas mãos de uma parteira de Atibaia. Nasci na mesma cama em que fui gerado. E muito me machuca a alma por não saber o nome da senhora que ajudou a minha mãe a me pôr no mundo, neste velho e gasto planeta.

Há anos venho me preparando para atrair o tráfego dos pedestres na calçada, andando lento e atento aos buracos e trombadinhas. Falta-me pouco para adentrar ao salão da oitava idade, uns poucos anos, mas, infelizmente, não do modo que sempre quis, de chapéu Panamá e terno de linho branco S120 (poderia ser azul clarinho, também), gravata de seda italiana envolvendo um colarinho duro, e, nos pés, sapatos marrons de cromo alemão — e bem digo que não gostaria de causar inveja a ninguém — e muito menos aos bons e elegantes homens da confraria do Café Regina...

Meu avô foi um homem muito elegante, sempre de terno e chapéu na cabeça — que retirava ao cumprimentar as senhoras e quando entrava em recinto fechado. Por alguns anos, ele veio morar na casa da filha e, para não ficar à toa, construiu um forno de barro no quintal onde assava amendoim para vender na porta do Circo Teatro Irmãos Almeida e imediações do Taquaral. Fazendo umas contas, ele tinha a idade, um pouco mais

talvez, que tenho agora. Com ele aprendi a arte de picar o fumo, palmeá-lo e enrolá-lo na fina palha de milho. Eu queria ficar velho para fumar cigarro de palha e espantar a cinza com um leve toque do dedo minguinho, suprema elegância caipira. Lá pelos anos 2003, durante uns quatro anos, troquei o cigarro de papel pelo de palha e quase me envenenei com o tal glifosato de potássio, um agrotóxico usado nas lavouras de milho. Foi quando percebi, na carne, que envelhecer não era tão fácil como eu supunha.

Tem gente velha que se desculpa dizendo que coração não tem rugas, ou que a alma não envelhece, coisas assim. Eu fujo dessa gente doida que inventa os maiores absurdos para não se sentir velha. Por isso comecei esta prosa com a frase acima. Envelhecer faz parte do jogo da vida e quem não quiser mais brincar de viver que ache um jeito de cair fora, se é que existe um para tanto, a não ser o prosaico e o corajoso e deselegante suicídio.

Estou relativamente bem de saúde, caminhando todos os dias pelas ruas centrais da cidade, e, às vezes, o que é muito raro, devo dizer, dançando bolero com a moça que manda em mim. Tenho lido bem menos do que antes e isto pela simples razão de excesso de livros e pouca literatura. E reler livros é um outro prazer que a velhice irá me trazer, coisa que há algum tempo vem me acontecendo. Não, nada a ver com a bíblia, que leio sempre, e considero uma das maiores obras de crônicas já escritas. Falo mesmo é de revisar

Machado de Assis, Guimarães Rosa, Gabriel Garcia e todas crônicas de Antônio Maria, Carlinhos de Oliveira, João do Rio e Vinícius de Moraes. De alguma forma, eles me ensinaram a curtir a juventude e é bem possível que eles possam me auxiliar na velhice que já se me aproxima.

Devo deixar claro, no entanto, que a velhice é própria dos homens e não das mulheres. Mulheres não envelhecem nunca; e o homem que pretende julgá-las velhas não merece ser considerado como tal, pois lhe falta a elegância de compreender que as mulheres são seres inatingíveis, até mesmo pela mais profunda poesia que um poeta louco venha a lhes dedicar.

Não vejo a hora de continuar a envelhecer; homens que se deixam envelhecer naturalmente não cometem besteiras idiotas, muito própria de quem ainda não saiu da prepotência da meia-idade, ou emplumado ainda na síndrome de Peter Pan.

Estou reensaaiando a Cantora Careca, de Ionesco, sob a direção do competente e amigo Jonas Lemos. Estamos todos animados pela vida teatral. E estamos todos contentes em nos reencontrarmos no grande palco da vida. E a morte, é bom dizer, é uma coisa idiota que não faz parte da minha vida. Ela que se dane! E mais não digo por ser desnecessário.

Bom dia.

Nota da Redação: Esta crônica foi publicada na edição de 21 de outubro de 2018 do Correio Popular, de Campinas.

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios:
 - GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
 - HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

ELETRÔNICA MONTE SIÃO

Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG

Cel.: (035) 8404-5136